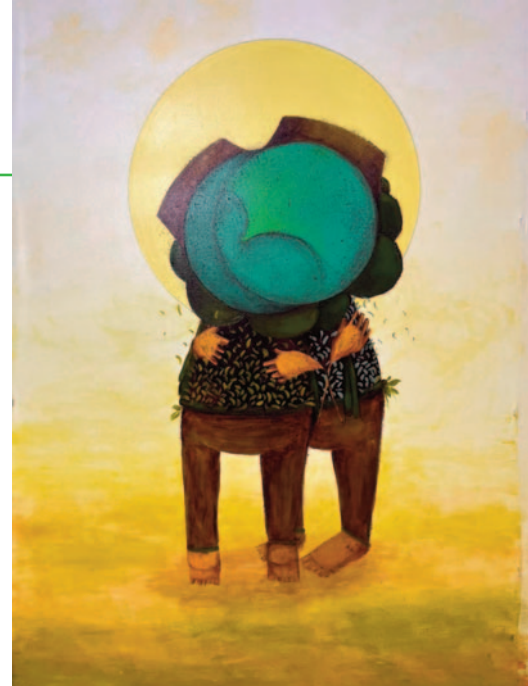




Foto: Divulgação

“O que não sei dizer”, de ANDRÉ MOGILE

Com curadoria de Renata Rocco, o artista explora o silêncio, a solidude e os sentimentos que não cabem em palavras. A mostra, na Galeria Kovak & Vieira, reúne pinturas recentes e propõe uma reflexão sensível sobre autoconhecimento, equilíbrio e a necessidade de encontrar na arte uma forma de expressão



Fotos: Divulgação

Há sentimentos que não encontram palavras, experiências difíceis de traduzir e momentos em que o silêncio parece ser a melhor forma de expressão. É desse território íntimo que nasce *O que não sei dizer*, nova exposição individual de André Mogle, na Galeria Kovak & Vieira, em São Paulo. Com curadoria de Renata Rocco, a mostra reúne pinturas recentes do artista, marcadas por um olhar introspectivo sobre a vida, as emoções e a busca por equilíbrio.

Esta é a quarta exposição individual de Mogle na galeria e representa um momento particular de sua trajetória. Depois de experiências vividas em diferentes lugares do Brasil e do mundo, ao longo do último ano, o artista volta o olhar para dentro, transformando em pintura um conjunto de sentimentos, acontecimentos e situações complexas. Mais do que representar emoções, suas obras procuram dar forma àquilo que ainda não pode ser nomeado.

A exposição tem como fio condutor a ideia de solitude – e não de solidão –, entendida como um espaço em

que o artista encontra possibilidades de compreender suas experiências e estabelecer uma relação mais serena com o mundo.

“Mogle reconhece este como um momento de solitude. E essa palavra interessa justamente porque não é sinônimo de solidão. Ao contrário, em solitude há uma escolha: a permanência consigo mesmo, isto é, um estar só que não significa necessariamente ausência, mas presença”, observa a curadora Renata Rocco.

Nas pinturas, o personagem criado por Mogle – figura recorrente de rosto esverdeado – atravessa situações que remetem a sentimentos e experiências universais. É o que se observa em obras como *A Balança da Vida*, *O Palco da Noite*, *O Peso que Cabe num Fio* e *Silêncio*, nas quais surgem questões relacionadas ao tempo, às escolhas, às fragilidades e à necessidade de encontrar algum equilíbrio diante das incertezas.

A produção recente também inclui trabalhos como *Se Precisar Recomece*, *A Liberdade é Solitária*, *Não Cheguei*

Sozinho, Nem Tão Só e A Chuva Passa. Os títulos sugerem pequenas narrativas sobre a condição humana, os afetos, a passagem do tempo e a possibilidade de recomeçar.

Para Renata Rocco, a força dessas pinturas está justamente na capacidade de comunicar sem necessariamente oferecer explicações. *“O personagem criado por Mogle leva mensagens que não precisam ser grandiosas para serem universais; apresentam possibilidades de paz e de algum equilíbrio”*, escreve a curadora.

O texto curatorial estabelece, ainda, um diálogo com a obra de Clarice Lispector, evocando a coragem de enfrentar a própria solidão e encontrar plenitude nessa experiência. A referência literária acompanha a proposta da exposição, que valoriza o silêncio não como vazio, mas como espaço de descoberta.

“Só a arte me sacia”, afirma André Mogle, sintetizando a relação visceral que mantém com a pintura. Para o

artista, criar é também uma maneira de lidar com aquilo que não consegue expressar de outra forma, sem a obrigação de encontrar respostas definitivas.

Ao convidar o público a desacelerar e olhar para dentro, *O que não sei dizer* propõe uma experiência de contemplação e identificação. Em tempos marcados pelo excesso de informações e pela necessidade constante de expressão, a exposição sugere que nem tudo precisa ser explicado – e que a arte pode oferecer um lugar de acolhimento para aquilo que permanece sem palavras.

SERVIÇO

O que não sei dizer, de André Mogle

Até 16 de novembro

Galeria Kovak & Vieira

R. Cônego Eugênio Leite, 150, Jardim América, São Paulo / SP

Dias/Horários: segunda a sexta, das 12h às 19h;

sábados, das 12h às 17h

Manobrista no local

<https://kvgaleria.com.br/a-galeria/>



Foto: Divulgação